



Foda-se o Neoliberalismo

Simon Springer

Departamento de Geografia, University of Victoria (Canadá)
simonspringer@gmail.com

Tradução:

Eduardo Tomazine

Doutorando em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro
eduardotomazine@globo.com

Resumo: Isso mesmo, que ele se foda. O neoliberalismo é uma merda.
Não precisamos dele.

Palavras-chave: foda-se o neoliberalismo; que ele vá pro inferno

Foda-se o neoliberalismo. Essa é minha mensagem contundente. Eu poderia terminar por aqui minha controvérsia e isso não teria a menor importância. Minha posição é clara e você provavelmente já captou o fundamental do que tenho a dizer. Não tenho mais nada de positivo a acrescentar à discussão sobre o neoliberalismo e, para ser bem honesto, estou me sentindo mal por ter que pensar sobre esse assunto. Para mim já deu. Durante algum tempo, cheguei a considerar dar outro título a esse artigo, algo como “Esqueça o neoliberalismo”, pois, de certo modo, era exatamente isso o que eu queria fazer. Venho escrevendo sobre esse assunto há muitos anos (Springer 2008, 2009, 2011, 2013, 2015; Springer *et al.* 2016) e cheguei a um ponto em que simplesmente não queria mais gastar nenhuma energia nessa empreitada, por receio de que continuar trabalhando com essa ideia serviria apenas para perpetuar a sua força. Numa outra reflexão eu também reconheço que, enquanto manobra política, é potencialmente perigoso



simplesmente enterrarmos nossas cabeças na areia e coletivamente ignorar um fenômeno que tem tido efeitos tão devastadores e debilitadores sobre o nosso mundo compartilhado. Há um crescente poder no neoliberalismo que não pode ser negado e tampouco estou convencido de que a estratégia de ignorá-lo seja efetivamente a maneira correta de encarar o problema (Springer 2016a). Daí eu pensei “bom, então que se foda”, e embora um nome mais discreto e polido para esse artigo pudesse atenuar a potencial ofensa causada pelo título que escolhi, voltei atrás logo em seguida e decidi mantê-lo. Ora, por que razão deveríamos nos preocupar mais com malcriações do que com o discurso em si mesmo sórdido do neoliberalismo? Decidi que eu queria transgredir, incomodar, insultar, justamente porque nós *somos obrigados* a ser insultados pelo neoliberalismo; ele *é* completamente perturbador, e por isso nós deveríamos buscar transgredi-lo custe o que custar. Afinal, pegar leve no título não significaria fazer mais uma concessão ao poder do neoliberalismo? Fiquei preocupado, a princípio, com as consequências de um título como esse para a minha reputação. Isso não atrapalharia futuras promoções ou ofertas de trabalho se eu quiser manter minha mobilidade enquanto acadêmico, tanto para subir na carreira quanto para lecionar em outras universidades? Isso me soou como conceder uma derrota pessoal à disciplina neoliberal. Que se foda.

Parecia também como se eu estivesse admitindo não existirem respostas coloquiais que pudessem ser dadas de maneira apropriada para fazer frente ao discurso do neoliberalismo. Como se pudéssemos tão somente responder de uma forma acadêmica, empregando complexas teorias geográficas de diversificação, hibridismo e mutação para solapar o seu edifício intelectual. Isso me pareceu desempoderamento, e embora eu mesmo tenha contribuído para articular algumas dessas teorias (Springer 2010), sinto frequentemente que esta forma de abordagem vai na contramão do tipo de argumentação que eu de fato quero fazer. Pois é justamente no cotidiano, no ordinário, no comum e no mundano onde eu penso que uma política de recusa deve estar localizada. E por isso eu mantive o “*Foda-se o neoliberalismo*”, pois acho que isso converge com aquilo que eu realmente quero dizer. O argumento que desejo apresentar é ligeiramente mais nuançado que isso, o que me levou a pensar mais detidamente sobre o termo “foda-se” do que eu provavelmente já fiz em qualquer outro momento da minha vida. Mas que palavra fantasticamente colorida! A palavra “*Fuck*” funciona como substantivo ou como verbo, e como adjetivo ela talvez seja o ponto de exclamação mais usado na língua inglesa. Ela pode ser empregue para expressar raiva, desprezo, pesar, indiferença, surpresa, impaciência, ou ainda como ênfase sem um sentido preciso, pois ela simplesmente escorrega da língua. Você pode “foder com alguma coisa”, “botar pra foder”, “foder com alguém”, “estar pouco se fodendo”, e há também um ponto de referência decididamente geográfico para a palavra, na medida em que você pode ser instruído a “ir se foder”¹. Neste ponto da argumentação você deve estar pensando “tudo bem, mas quem se importa?” (*who gives a fuck?*). Bem, eu me importo, e se você

¹ No original em inglês: “*Fuck something up*”, “*fuck someone over*”, “*fuck around*”, “*not give a fuck*” e “*go fuck yourself*”.

pretende acabar com o neoliberalismo, então não deveria estar se fodendo para isso. As poderosas capacidades que a palavra traz representam um desafio potencial para o neoliberalismo. Para aprofundar e desatar essas habilidades é preciso prestar atenção às nuances do significado que poderiam estar contidas na frase “foda-se o neoliberalismo”. Por outro lado, foda-se a nuance. Como sustentado recentemente por Kieran Healy (2016:1), a nuance “normalmente obstrui o desenvolvimento de uma teoria intelectualmente interessante, empiricamente profícua ou bem-sucedida na prática.” Portanto, sem fetichizar as nuances, passemos logo para a análise daquilo que eu acho que deveríamos priorizar ao foder com o neoliberalismo.

O primeiro sentido é provavelmente o mais óbvio. Ao dizer “foda-se o neoliberalismo”, podemos expressar nossa revolta contra a máquina neoliberal. É uma demonstração da nossa raiva, o desejo de gritar nosso ressentimento, de vomitar o veneno na cara da maldade que tem sido apresentada a todos nós. Isso pode ser feito mobilizando mais protestos contra o neoliberalismo ou escrevendo mais artigos e livros que critiquem a sua influência. No entanto, este último recurso equivale a pregar para os convertidos, e o primeiro espera que os já pervertidos estarão dispostos a mudar suas atitudes. Não nego que esses métodos sejam táticas importantes para a nossa resistência, mas eu também tenho plena convicção de que eles jamais serão de fato suficientes para fazer virar a maré contra o neoliberalismo e a nosso favor. Ao realizar grandes demonstrações de rebeldia, procuramos dialogar com atores poderosos, acreditando equivocadamente que eles podem escutar e começar a acomodar as vozes populares de recusa (Graeber 2009). Não deveríamos, ao invés disso, dar esse assunto por encerrado? É aqui que aparece o segundo sentido de “foda-se o neoliberalismo”, sentido que se encontra na noção de rejeição. Isto significaria reivindicar o fim do neoliberalismo (como o conhecíamos) da maneira como proposta por J.K. Gibson-Graham (1996), simplesmente parando de falar sobre ele. Os acadêmicos, em particular, deixariam de priorizar este assunto em seus estudos. Talvez sem esquecê-lo de todo ou ignorar completamente o neoliberalismo, postura que eu já identifiquei como problemática, mas, ao invés disso, passaríamos a dedicar nossos escritos a outros assuntos. Mais uma vez, este é um ponto de contato crucial para nós, tão logo começemos a trabalhar para além da visão de mundo neoliberal, embora eu tampouco esteja inteiramente convencido de que isto seja suficiente. Segundo Mark Purcell (2016:620), “Precisamos dar as costas ao neoliberalismo e nos voltar para nós mesmos, para iniciar o árduo – mas também prazeroso – trabalho de administrar os nossos assuntos por nossa própria conta”. Mesmo que a negação, o protesto e a crítica sejam necessários, é preciso pensar também a respeito de foder com o neoliberalismo fazendo as coisas por fora do seu alcance.

A ação direta para além do neoliberalismo dialoga com uma política prefigurativa (Maeckelbergh 2011), que é o terceiro e mais importante sentido daquilo que eu acho que deveríamos focalizar quando evocamos a ideia de “foda-se o neoliberalismo”. Prefigurar é rejeitar o centrismo, a hierarquia e a autoridade que vêm a reboque da política representativa, enfatizando as práticas que encarnam relações horizontais e formas de organização que se esforçam para refletir a sociedade futura que se está procurando (Boggs 1977). Para além de “encerrar o assunto”, a prefiguração e a ação

direta sustentam nunca ter existido um diálogo a ser estabelecido, reconhecendo que independentemente do que queiramos fazer, só podemos fazê-lo nós mesmos. Apesar disso, tem-se dado muita importância sobre os modos como o neoliberalismo é capaz de capturar e se apropriar de todas as formas de discurso político e reivindicações (Barnett 2005; Birch 2015; Lewis 2009; Ong 2007). Para críticos como David Harvey (2015), somente uma nova dose de Estado pode resolver a questão neoliberal, apressando-se em rechaçar as formas de organização não-hierárquicas e as políticas horizontais, pois elas supostamente pavimentariam o caminho para um certo futuro neoliberal. Com esse pessimismo, Harvey interpreta de forma completamente equivocada as políticas prefigurativas, que são meios não para um fim, mas apenas para meios futuros (Springer 2012). Em outras palavras, já existe uma vigilância constante e continuada no âmbito das políticas prefigurativas, de maneira que a atual prática prefigurativa não pode ser cooptada. Ela é reflexiva e vigilante, mas sempre com uma orientação para a produção, invenção e criação enquanto satisfação do desejo de comunidade. Nesse sentido, as políticas prefigurativas são explicitamente antineoliberais. Elas se apropriam dos meios enquanto *nossos* meios, um meio sem fim. Prefigurar é abraçar a convivialidade e a alegria que advêm do fato de estarmos juntos em igualdade radical, não como vanguardas e proletariado em direção à promessa transcendental e vazia da utopia, ou “*não-lugar*”, mas na imanência alicerçada na construção, aqui e agora, do novo mundo “na carapaça do velho” e no incessante trabalho duro e confirmação que essa tarefa exige (Ince 2012).

Não há nada sobre o neoliberalismo que mereça o nosso respeito, e então, coerentemente com uma política prefigurativa de criação, minha mensagem é pura e simplesmente “foda-se”. Que se foda a atração que ele exerce sobre os nossos imaginários políticos. Foda-se a violência que ele engendra. Foda-se a desigualdade que ele exalta como uma virtude. Foda-se o modo como ele tem devastado o meio ambiente. Foda-se o ciclo interminável de acumulação e o culto ao crescimento. Foda-se a Sociedade Mont Pelerin e todos os *think tanks* que continuam a apoiá-lo e promovê-lo. Que se fodam Friedrich Hayek e Milton Friedman por nos fazerem “pagar o almoço” dos ricos com suas ideias. Que se fodam as Thatchers, os Reagans e todos os políticos covardes e egoístas que buscam apenas seu próprio favorecimento. Foda-se a medonha exclusão que enxerça os “outros” como dignos para limpar os nossos banheiros e enxugar nosso chão, mas não para serem membros de nossas comunidades. Foda-se o movimento cada vez mais intenso em direção à estatística e ao fracasso em compreender que nem tudo o que conta pode ser contado. Foda-se o desejo de lucro acima das necessidades da comunidade. Foda-se tudo o que o neoliberalismo representa e foda-se o cavalo de Tróia que ele representa! Por muito tempo nos disseram que “não há alternativa”, que “quando a maré sobe, levanta todos os barcos”, que vivemos num pesadelo de mundo darwiniano de todos contra todos, em que apenas “os mais aptos sobrevivem”. Fomos fígados pela ideia da “tragédia dos comuns”, quando na verdade isto é um estratagema que reflete a “tragédia do capitalismo” e sua infundável guerra de pilhagem (Le Billon 2012). O calcanhar de Aquiles de Garrett Hardin (1968) reside no fato dele nunca ter parado para pensar sobre como o pasto do gado já havia sido privadamente apropriado. Mas o que pode acontecer se reunirmos os comuns enquanto

comuns, sem a pressuposição da apropriação privada (Jeppesen et al. 2014)? O que pode acontecer quando começarmos a prestar mais atenção na prefiguração de alternativas que já estão em curso e privilegiar essas experiências como sendo as formas de organização mais relevantes (White e Williams 2012)? O que pode acontecer se, em vez de tomarmos as pílulas amargas da competição e do mérito, concentrássemos nossas energias não em nos prescrever os remédios neoliberais, mas na cura mais profunda que advém da cooperação e do apoio mútuo (Heckert 2010)?

Jamie Peck (2004: 403) certa vez chamou o neoliberalismo de “slogan político radical”, mas isto já não é mais suficiente para esposar o domínio da crítica. Muitos anos transcorreram desde que identificamos pela primeira vez o inimigo, e a partir de então passamos a conhecê-lo melhor em função de nossos escritos e protestos. Mas mesmo quando estamos convencidos da sua derrota, como durante o rescaldo da crise financeira de 2008 e o subsequente movimento Occupy, o neoliberalismo segue respirando e se recompõe sob uma forma zumbi ainda mais poderosa (Crouch 2011; Peck 2010). Japhy Wilson (2016) classifica esse processo em curso como o “gótico neoliberal”, e estou convencido de que, para superar seu show de horrores, temos que voltar nossa política para o domínio do *enativo* (Rollo 2016). E se acaso o “foda-se o neoliberalismo” se tornasse um mantra para um novo tipo de política? Um lema que não chamasse apenas à ação, mas à afirmação das nossas vidas nos espaços e momentos nos quais vivemos ativamente? E se todas as vezes que usássemos essa frase, reconhecêssemos que ela significa um apelo à ação enativa, que vai para além de meras palavras, combinando teoria e prática na bela práxis prefigurativa? Devemos adotar uma abordagem plural em nossa rejeição ao neoliberalismo. Enquanto não pudermos ignorá-lo ou esquecê-lo completamente, podemos trabalhar ativamente contra ele empregando expedientes que vão para além da performance da retórica e da retórica da performance. Sigamos adiante com um novo *slogam* político, valendo-nos de todos os meios disponíveis. Use um *hashtag* (*#fuckneoliberalism*) e faça com que o nosso desprezo viralize. Mas temos que fazer mais do que expressar nossa indignação. Temos que agir (*enact*) com determinação e entender que nossa esperança é imanente às nossas experiências incorporadas no *aqui e agora* (Springer 2016a). Precisamos refazer o mundo com as nossas próprias mãos, um processo que não pode ser adiado.

Temos intencionalmente nos desiludido e desempoderado ao mantermos nossas esperanças no arranjo político representativo que está aí. Nossa fé cega nos faz esperar o tempo todo por um salvador que virá do céu. Mas o sistema demonstrou ser completamente corrupto, com nossos grandes candidatos provando ser, um após o outro, uma frustração. Nesses tempos de neoliberalismo a questão não se limita meramente a indivíduos problemáticos ocuparem o poder. Ao contrário, o cerne do problema está na nossa crença no sistema em si. Produzimos e legitimamos as condições institucionais para que o “efeito Lúcifer” – em que as pessoas boas se tornam más em circunstâncias dadas – aconteça (Zimbardo 2007). É a “banalidade do mal” (Arendt 1971), que faz com que esses políticos apenas executem os seus trabalhos em um sistema que recompensa a perversão do poder, pois ele é moldado em seus mínimos detalhes para servir às leis do capitalismo. Mas não devemos obediência a ele. Não estamos em dívida para com esta

ordem. Por meio da ação direta e da organização de alternativas, podemos condenar toda a estrutura e romper com o ciclo vicioso de abusos. Quando o sistema político é definido, condicionado, atado e produzido pelo capitalismo, ele jamais pode representar nossas formas de conhecer e de estar no mundo, e por isso precisamos assumir a responsabilidade desses modos de vida e afirmar nossa ação coletiva. Precisamos começar a ser enativos em nossas políticas e a assumir um sentido mais relacional de solidariedade, capaz de reconhecer que a submissão e o sofrimento de um é, na realidade, um sinal da opressão de todos (Shannon e Rouge 2009; Springer 2014). Podemos começar a viver em outros mundos possíveis através de um engajamento renovado pela prática do apoio mútuo, camaradagem, reciprocidade e formas não-hierárquicas de organização que façam renascer a democracia no seu sentido etimológico de *poder* para o *povo*. O neoliberalismo é, em última instância, uma ideia particularmente idiota, impregnada de conclusões vulgares e pressuposições grosseiras. Em resposta, ele merece ser confrontado com linguagem e ação igualmente ofensivas. Nossa comunidade, nossa cooperação e cuidado uns com os outros são repugnantes ao neoliberalismo. Ele odeia aquilo que celebramos. Portanto, quando dissermos “foda-se o neoliberalismo”, que isso represente mais do que palavras. Façamos com que seja uma enação (colocar em cena, ação no lugar de palavras) do nosso compromisso uns para com os outros. Diga alto, diga comigo, e diga para qualquer um que escute; mas que isso represente, acima de tudo, um rufar de tambores convocando para a ação e a encarnação do nosso poder prefigurativo para mudar esse mundo fodido. *Foda-se o neoliberalismo!*

Agradecimentos

Devo meu título a Jack Tsonis. Ele me escreveu um e-mail maravilhoso no começo de 2015 para se apresentar, tendo esta mensagem como assunto. Contudente e direto ao ponto. Ele me contou a respeito da sua posição precária na Universidade de Western Sydney, preso à armadilha dos infernais contratos temporários. Foda-se o neoliberalismo mesmo. Jack me informou que depois disso ele encontrou um emprego menos precário, mas ter que olhar a besta de perto o tornou mais infeliz e repugnante do que nunca. Obrigado pela inspiração, companheiro! Também sou grato a Kean Birch e Toby Rollo, que escutaram as minhas ideias e deram boas risadas comigo. Mark Purcell me motivou muito com sua alegria contagiante ao pensar para além do neoliberalismo. Obrigado a Levi Gahman, cujo espírito irreverente e apoio demonstraram uma verdadeira prefiguração do tipo de ideias que eu discuti aqui (“[Listen Neoliberalism!](#)” [A Personal Response to Simon Springer’s “Fuck Neoliberalism”](#)). As revisões de Farhang Rouhani, Patrick Huff e Rhon Teruelle demonstraram uma tremenda unanimidade, dando-me razões para acreditar que ainda existem alguns acadêmicos de esquerda combativos! Por fim, obrigado às muitas pessoas que tão gentilmente dedicaram seu tempo para me escrever sobre este ensaio e expressaram a sua solidariedade depois que eu subi ele para a Internet pela primeira vez. Fico ao mesmo tempo triste e esperançoso que tantas pessoas compartilhem do mesmo sentimento. Venceremos!

Referências

- Arendt, H. (1971). *Eichmann in Jerusalem: A Report on the Banality of Evil*. New York: Viking Press.
- Barnett, C. (2005). The consolations of 'neoliberalism'. *Geoforum*, 36(1), 7-12.
- Birch, K. (2015). *We Have Never Been Neoliberal: A Manifesto for a Doomed Youth*. Alresford: Zero Books.
- Boggs, C. (1977). Marxism, prefigurative communism, and the problem of workers' control. *Radical America*, 11(6), 99-122.
- Crouch, C. (2011). *The Strange Non-Death of Neoliberalism*. Malden, MA: Polity Press
- Gibson-Graham, J. K. (1996). *The End of Capitalism (as We Knew It): A Feminist Critique of Political Economy*. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- Graeber, D. (2009). *Direct Action: An Ethnography*. Oakland: AK Press.
- Hardin, G. (1968). The tragedy of the commons. *Science*, 162(3859), 1243-1248.
- Harvey, D. (2015). "Listen, Anarchist!" A personal response to Simon Springer's "Why a radical geography must be anarchist". *DavidHarvey.org*.
<http://davidharvey.org/2015/06/listen-anarchist-by-david-harvey/>
- Healy, K. (2016) Fuck nuance. *Sociological Theory*.
<https://kieranhealy.org/files/papers/fuck-nuance.pdf>
- Heckert, J. (2010). Listening, caring, becoming: anarchism as an ethics of direct relationships. In Franks, B. (ed.). *Anarchism and Moral Philosophy*. New York: Palgrave Macmillan, pp. 186-207.
- Ince, A. (2012). In the shell of the old: Anarchist geographies of territorialisation. *Antipode*, 44(5), 1645-1666.
- Jeppesen, S., Kruzynski, A., Sarrasin, R., & Breton, É. (2014). The anarchist commons. *Ephemera*, 14(4), 879-900.
- Le Billon, P. (2012). *Wars of Plunder: Conflicts, Profits and the Politics of Resources*. New York: Columbia University Press.
- Lewis, N. (2009). Progressive spaces of neoliberalism?. *Asia Pacific Viewpoint*, 50(2), 113-119.
- Maeckelbergh, M. (2011). Doing is believing: Prefiguration as strategic practice in the alterglobalization movement. *Social Movement Studies*, 10(1), 1-20.
- Ong, A. (2007). Neoliberalism as a mobile technology. *Transactions of the Institute of British Geographers*, 32(1), 3-8.
- Peck, J. (2004). Geography and public policy: constructions of neoliberalism. *Progress in Human Geography*, 28(3), 392-405.
- Peck, J. (2010). Zombie neoliberalism and the ambidextrous state. *Theoretical Criminology*, 14(1), 104-110.

- Purcell, M. (2016). Our new arms. In Springer, S., Birch, K. and MacLeavy, J. (eds.). *The Handbook of Neoliberalism*. New York: Routledge, pp. 613-622.
- Rollo, T. (2016). Democracy, agency and radical children's geographies. In White, R. J., Springer, S. and Souza, M. L. de. (eds.). *The Practice of Freedom: Anarchism, Geography and the Spirit of Revolt*. Lanham, MD: Rowman & Littlefield.
- Shannon, D. and Rouge, J. (2009) Refusing to wait: anarchism and intersectionality. *Anarkismo*. <http://anarkismo.net/article/14923>
- Springer, S. (2008). The nonillusory effects of neoliberalisation: Linking geographies of poverty, inequality, and violence. *Geoforum*, 39(4), 1520-1525.
- Springer, S. (2009). Renewed authoritarianism in Southeast Asia: undermining democracy through neoliberal reform. *Asia Pacific Viewpoint*, 50(3), 271-276.
- Springer, S. (2010). Neoliberalism and geography: Expansions, variegations, formations. *Geography Compass*, 4(8), 1025-1038.
- Springer, S. (2011). Articulated neoliberalism: the specificity of patronage, kleptocracy, and violence in Cambodia's neoliberalization. *Environment and Planning A*, 43(11), 2554-2570.
- Springer, S. (2012). Anarchism! What geography still ought to be. *Antipode*, 44(5), 1605-1624.
- Springer, S. (2013). Neoliberalism. *The Ashgate Research Companion to Critical Geopolitics*. Eds. K. Dodds, M. Kuus, and J. Sharp. Burlington, VT: Ashgate, pp. 147-164.
- Springer, S. (2014). War and pieces. *Space and Polity*, 18(1), 85-96.
- Springer, S. (2015). *Violent Neoliberalism: Development, Discourse and Dispossession in Cambodia*. New York: Palgrave MacMillan.
- Springer, S. (2016 a) *The Anarchist Roots of Geography: Toward Spatial Emancipation*. Minneapolis, MN: University of Minnesota Press.
- Springer, S. (2016 b) *The Discourse of Neoliberalism: An Anatomy of a Powerful Idea*. Lanham, MD: Rowman & Littlefield.
- Springer, S., Birch, K. and MacLeavy, J. (2016) An introduction to neoliberalism. In Springer, S., Birch, K. and MacLeavy, J. (eds.). *The Handbook of Neoliberalism*. New York: Routledge, pp. 1-14.
- White, R. J., and Williams, C. C. (2012). The pervasive nature of heterodox economic spaces at a time of neoliberal crisis: towards a "postneoliberal" anarchist future. *Antipode*, 44(5), 1625-1644.
- Wilson, J. (2016). Neoliberal gothic. In Springer, S., Birch, K. and MacLeavy, J. (eds.). *The Handbook of Neoliberalism*. New York: Routledge, pp. 592-602.
- Zimbardo, P. (2007). *The Lucifer Effect: Understanding How Good People Turn Evil*. New York: Random House.